

UM NOVO OLHAR SOBRE PÉRSIO: SÁTIRA 1, TRADUZIDA E COMENTADA.

Fábio Paifer CAIROLI*

- **RESUMO:** O presente artigo tem dois objetivos: primeiramente, apresentar uma nova proposta de tradução poética para a primeira sátira de Pérsio, poeta latino do século I d.C., apresentando alguns comentários sobre os procedimentos tradutológicos. Em seguida, interpreta-se a matéria do poema, confrontando-a com algumas visões tradicionais da obra do autor, como as de Escalígero e Casaubon, bom como com as obras de Horácio e Juvenal.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Pérsio. Poética clássica. Tradução poética.

Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir a tradução em versos da primeira sátira de Aulo Pérsio Flaco (32 - 65 d.C.), poeta latino que floresceu durante o governo de Nero. A necessidade de propor traduções à obra deste autor é evidente: Pérsio é um dos autores menos conhecidos dentre os poetas latinos. Em que pese sua constante inclusão entre os principais nomes das letras romanas, sua obra recebe significativamente menos leitura que a de autores afins, como os também satíricos Horácio e Juvenal. Sua importância, contudo, é percebida já pelos contemporâneos. Marcial, por exemplo, menos de trinta anos após a morte de Pérsio, declara:

*Saepius in libro numeratur Persius uno
quam leuis in tota Marsus Amazonide.*

Mais amiúde é citado Pérsio de um só livro
que o leve Marso da Amazona inteira.
(*Epigramas*, IV, 29, 7-8. tradução nossa)

Juízo seguido de perto pelo também contemporâneo Quintiliano (*Inst. Or.*, X, 1, 94).

* UFF – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Niterói – RJ – Brasil. 24210-200 – cairolli@yahoo.com.br.

Essa importância não se transformou, contudo, em abundância de leituras e traduções - não ao menos em língua portuguesa. A título de exemplo, o repertório de Tuffani (2006, p. 177) anota apenas uma tradução (de Haroldo Bruno, em prosa, parte de sua dissertação de mestrado em 1980) e o estudo lexicográfico de Ernesto Faria Júnior, de 1945, entre os trabalhos produzidos sobre o autor no Brasil até o ano de 1996. De lá para cá, à exiguidade desta lista soma-se o fato de se tratar de produções acadêmicas não reproduzidas em série. Além disso, somente em período muito recente pode-se observar um esforço de proposição deste autor na academia brasileira. Com efeito, apenas em 2015 houve outra pesquisa centrada neste autor apresentada no país (CASTRO, 2015).

Algumas palavras merecem ser ditas sobre a tradução. O primeiro critério que definimos foi o ritmo. Este, importa lembrar, é um dos critérios principais de definição do que é poesia na Antiguidade: como bem nos indica Aristóteles (*Poet.*, 1447a), toda a poesia imita por meio de ritmo, linguagem e harmonia, de modo que a este aspecto do poema deve ser dada especial atenção.

O metro escolhido para traduzir o hexâmetro datílico de Pérsio foi o dodecassílabo, com acentuação na sexta sílaba, eventualmente substituído por alexandrino, quando nossos esforços lograram alcançá-los, ou, mais raramente, por dodecassílabos com acentuação na quarta e oitava sílabas. A escolha deste metro atende a alguns critérios que serão brevemente expostos:

Primeiramente, era nosso interesse verter os hexâmetros de Pérsio por um metro natural da língua portuguesa, ficando excluídas soluções que naturalizassem metros próprios da poesia grega e latina em português. Não é da natureza deste trabalho propor equivalência prosódica entre a língua de partida e de chegada destes textos.

O ponto seguinte é que buscávamos trabalhar com um metro que fosse, tanto quanto possível, espaçoso e maleável, uma vez que dentro dele deveria se colocar um texto de organização complexa como a sátira de Pérsio. Isso se torna mais relevante quando se acrescenta outro objetivo alcançado por esta tradução, o de manter em português a quantidade de versos do original latino. É de nosso entendimento que a unidade do verso é uma das principais características do texto que devem ser mantidas. Se isso é evidente quando unidades de sentido coincidem com unidades rítmicas, se torna particularmente relevante nos poemas em que essa disposição é aparentemente descuidada ou irregular, como ocorre no poeta em questão. Como é possível notar no poema que traduzimos, é frequente que o início e o fim das frases não coincidam com os versos. A título de exemplo, tal fenômeno pode ser observado nos versos 5-10. Entendemos que a disposição das palavras, tanto quanto permitem as proximidades entre as línguas de partida e chegada, deve ser mantida, precaução que tende a afastar o risco de conformar as unidades de sentido ao espaço do metro na língua de chegada. Em nossa tradução, a manutenção do número de versos é resultado de tal preocupação.

A escolha do dodecassílabo também foi motivada pelo fato de já ter sido experimentada por outros tradutores e ter se revelado muito efetiva. É o caso, por exemplo, da tradução da *Iliada* de Haroldo de Campos. O empreendimento do poeta concretista deu visibilidade a este metro, que tem sido muitas vezes adotado por classicistas de diversas instituições.

Se se estende a observação do hexâmetro para traduções do dístico elegíaco, que é composto de hexâmetro seguido de pentâmetro, aumenta o conjunto de tradutores que aplicam a este metro o dodecassílabo, conforme recenseia Oliva Neto (2015), rol no qual estamos incluídos, de modo que a escolha deste verso, em última instância, reflete a necessidade de manter coerência metodológica.

Além do estudo que apresentamos na sequência da tradução, fizemos que esta fosse acompanhada de notas. Mínimas, que esclareçam determinados dados de cultura usualmente desconhecidos do leitor contemporâneo, seguem o texto no rodapé – fugimos à tentação de produzir notas parafrásticas, uma vez que, para que tivessem satisfatória quantidade de informações, ocupariam um espaço desproporcional do texto. O texto latino adotado é da edição de G. G. Ramsay (JUVENAL; PERSIUS, 1928).

Texto latino

'O curas hominum, o quantum est in rebus inane!'
'quis leget haec?' 'min tu istud ais? nemo hercule.' *'nemo?'*
'uel duo uel nemo.' *'turpe et miserabile!'* *'quare?'*
ne mihi Polydamas et Troiades Labeonem
praetulerint? nugae. non, si quid turbida Roma 5
eleuet, accedas examenque improbum in illa
castiges trutina, nec te quaesiueris extra,
nam Romae quis non—ali, si fas dicere—sed fas
tunc cum ad canitiem et nostrum istud uiuere triste
aspexi ac nucibus facimus quaecumque relictis, 10
cum sapimus patruos; tunc tunc ignoscite; (nolo:
quid faciam? sed sum petulanti splene) cachinno.
'Scribimus inclusi, numeros ille, hic pede liber,
grande aliquid, quod pulmo animae praelargus anhelet.
scilicet haec populo pexusque togaque recenti 15
et natalicia tandem cum sardonyche albus
sede leges celsa, liquido cum plasmate guttur
mobile conlueris, patranti fractus oculo.
tunc neque more probo uideas nec uoce serena

ingentis trepidare Titos, cum carmina lumbum 20
intran et tremulo scalpuntur ubi intima uersu,
tun, uetule, auriculis alienis colligis escas,
auriculis, quibus et dicas cute perditus 'ohe'?
'quo didicisse, nisi hoc fermentum et quae semel intus
innata est rupto iecore exierit caprificus? 25
en pallor seniumque!' 'o mores, usque adeone
scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter?'
'at pulchrum est digito monstrari et dicier 'hic est';
ten cirratorum centum dictata fuisse
pro nihilo pendes?' 'ecce inter pocula quaerunt 30
Romulidae saturi, quid dia poemata narrent;
hic aliquis, cui circum umeros hyacinthina laena est,
rancidulum quiddam balba de nare locutus
Phyllidas, Hypsipylas, uatum et plorabile siquid,
eliquat ac tenero subplantat uerba palato. 35
adsensere uiri: nunc non cinis ille poetae
felix? non leuior cippus nunc inprimit ossa?
laudant coniuuae: nunc non e manibus illis,
nunc non e tumulo fortunataque fauilla
nascentur uiolae?' 'rides,' ait, 'et nimis uncis 40
naribus indulges, an erit qui uelle recuset
os populi meruisse et cedro digna locutus
linquere nec scombros metuentia carmina nec tus?'
'Quisquis es, o modo quem ex aduerso dicere feci,
non ego cum scribo, si forte quid aptius exit, 45
quando haec rara auis est, si quid tamen aptius exit,
laudari metuam; neque enim mihi cornea fibra est.
sed recti finemque extremumque esse recuso
'euge' tuum et 'belle.' nam 'belle' hoc excute totum:
quid non intus habet? non hic est Ilias Atti 50
ebria ueratro? non siqua elegidia crudi
dictarunt proceres? non quidquid denique lectis
scribitur in citreis? calidum scis ponere sumen,
scis comitem horridulum trita donare lacerna,

et 'uerum' inquis 'amo, uerum mihi dicite de me.' 55
qui pote? uis dicam? nugaris, cum tibi, calue,
pinguis aqualiculus propenso sesquipede extet.
o Iane, a tergo quem nulla ciconia pinsit,
nec manus auriculas imitari mobilis albas,
nec linguae quantum sitiatis canis Apula tantum! 60
uos, o patricius sanguis, quos uiuere fas est
occipiti caeco, posticae occurrere sannae.
quis populi sermo est?' 'quis enim, nisi carmina molli
nunc demum numero fluere, ut per leue seueros
effundat iunctura unguis? scit tendere uersum 65
non secus ac si oculo rubricam derigat uno.
siue opus in mores, in luxum, in prandia regum
dicere, res grandes nostro dat Musa poetae.'
'ecce modo heroas sensus adferre uidemus
nugari solitos graece, nec ponere lucum 70
artifices nec rus saturum laudare, ubi corbes
et focus et porci et fumosa Palilia faeno,
unde Remus sulcoque terens dentalia, Quinti.
cum trepida ante boues dictatorem induit uxor
et tua aratra domum lictor tulit: euge poeta! 75
est nunc Brisaei quem uenosus liber Acci,
sunt quos Pacuuiusque et uerrucosa moretur
Antiopa, aerumnis cor luctificabile fulta.
hos pueris monitus patres infundere lippos
cum uideas, quaerisne unde haec sartago loquendi 80
uenerit in linguas, unde istud dedecus, in quo
trossulus exultat tibi per subsellia leuis?'
'Nilne pudet capiti non posse pericula cano
pellere, quin tepidum hoc optes audire 'decenter?'
'fur es,' ait Pedio. Pedius quid? crimina uasis 85
librat in antithetis, doctas posuisse figuras
laudatur: 'bellum hoc.' hoc bellum? an, Romule, ceues?
men moueat? quippe et, cantet si naufragus, assem
protulerim? cantas, cum fracta te in trabe pictum

ex umero portes? uerum, nec nocte paratum, 90
plorabit qui me uolet incuruasse querella.'
'Sed numeris decor est et iunctura addita crudis.
claudere sic uersum didicit 'Berecynthia Attis'
et 'qui caeruleum dirimebat Nerea delphin';
sic 'costam longo subduximus Appennino.' 95
'arma uirum! nonne hoc spumosum et cortice pingui,
ut ramale uetus uegrandi subere coctum?
quidnam igitur tenerum et laxa ceruice legendum?'
'torua Mimalloneis implerunt cornua bombis,'
et 'raptum uitulo caput ablatura superbo 100
Bassaris,' et 'lyncem Maenas flexura corymbis
euhion ingeminat, reparabilis adsonat echo!'
'haec fierent, si testiculi uena ulla paterni
uiuere in nobis? summa delumbe saliu
hoc natat in labris, et in udo est Maenas et Attis, 105
nec pluteum caedit nec demorsos sapit unguis.'
'Sed quid opus teneras mordaci radere uero
auriculas? uide sis ne maiorum tibi forte
limina frigescant: sonat hic de nare canina
littera.' 'per me equidem sint omnia protinus alba; 110
nil moror: euge! omnes, omnes bene, mirae eritis res!
hoc iuuat? 'hic' inquis 'ueto quisquam faxit oletum.
pinge duos anguis: pueri, sacer est locus, extra
meite: discedo.' secuit Lucilius urbem, te Lupe,
te Muci, et genuinum fregit in illis; 115
omne uafere uitium ridenti Flaccus amico
tangit et admissus circum praecordia ludit,
callidus excusso populum suspendere naso:
men muttire nefas? nec clam? nec cum scrobe? nusquam?
hic tamen infodiam. uidi, uidi ipse, libelle: 120
auriculas asini quis non habet? hoc ego opertum,
hoc ridere meum, tam nil, nulla tibi uendo
Iliade. audaci quicumque adflate Cratino
iratum Eupolidem praegrandi cum sene palles,

aspice et haec, si forte aliquid decoctius audis. 125
inde uaporata lector mihi ferueat aure,
non hic qui in crepidas Graiorum ludere gestit
sordidus et lusco qui possit dicere 'lusce'
sese aliquem credens, Italo quod honore supinus
fregerit heminas Arreti aedilis iniquas, 130
nec qui abaco numeros et secto in puluere metas
scit risisse uafer, multum gaudere paratus,
si cynico barbam petulans nonaria uellat.
his mane edictum, post prandia Calliroen do.'

Tradução

Preocupações dos homens, quanto a coisa é vã!¹
'Isso quem lê?' Dirás a mim? Ninguém! 'Ninguém?'
Ou uns dois ou ninguém. 'Pobre e torpe!' Por quê?
Polidamante e as tróades² vão preferir
Labeão³ a mim? Bobagem! Se algo Roma, atônita, 5
aprova, não aceites, nem o exame injusto
desta balança ajustes nem te busques fora,
pois quem em Roma - ah, se dizer pudesse! Eu posso
sempre que minhas cãs e o meu triste viver
observo e as coisas que ao largar as nozes fiz, 10
igual a um tio. Portanto, relevem! 'Não quero!'
Que farei, se atirado sou e rio co' o baço?
A sós se escreve: aquele, ritmos; outro, livre,
algo de grande que o pulmão inflado emita.
Lerás decerto ao povo em toga nova, branco, 15

¹ PREOCUPAÇÕES... VÃ: *O curas... inane*: Segundo o escoliasta, o verso é trasladado do livro I de *Sátiras* de Lucílio.

² POLIDAMANTE E AS TRÓADES: *Polydamas et troades*: Polidamante é um sábio troiano. Em Homero (*Il.*, XXII, 100ss.), Heitor, perdendo as esperanças, se recusa a retornar para dentro das muralhas de Troia, dada a vergonha que sentiria diante deste personagem e da cidade. Os versos seguintes dão a entender que Pérsio se refira à sua própria recepção: tradicionalmente, a crítica aponta uma alusão a Nero em Polidamante e aos romanos nas tróades.

³ LABEÃO: *Labeonem*: Ainda segundo o Escoliasta de Pérsio, refere-se a um certo Ácio Labeão, autor de quem nada mais se sabe, a quem se devia uma tradução da *Iliada*, hoje perdida; nos versos 50-51, terá sua sanidade questionada.

penteados, a usar sardônica do aniversário,
de um lugar nobre, a mole garganta lavada
de líquidos que moldam, e olhinhos lascivos.
Já vais ver, sem bons modos nem serenas vozes,
vibrar os grande Titos, quando o canto invade 20
o ventre e rasga as vísceras o verso trêmulo.
Acaso, velho, pasto dás a ouvido alheio
aos quais ‘basta’ também dirás, perdida a pele?
*‘Pra que aprendeste, se este fermento e, nascida
dentro, a figueira, o fígado a rasgar, não salta?’* 25
Oh, velhice e livor!’ ó costumes: talmente
é nada o teu saber se ignora o outro o que sabes?
‘mas é belo que o dedo aponte e indique: “é ele”.
*Ou ter sido ditado a cem crespinhos tomas
por nada?’* Eis que, entre os copos, romúlidas fartos 30
perguntam o que narra o poema divino.
Eis alguém de ombro envolto em capa cor-jacinto,
que, ao narrar - balbucio nasal - coisas rançosas,
Fílis e Hipsípiles⁴, (se tanto), deplorável,
decanta e com palato mole abate os termos. 35
Os homens ouvem: não está feliz a cinza
do poeta? É mais leve a lápide em seus ossos?
Convivas louvam: mas agora destes manes,
agora deste túmulo e dos ricos restos
não nascerão violetas? *‘Ris e, assaz torcido* 40
*o nariz, condescendes. Ou há quem não queira
a voz do povo ou digno ser do cedro, ou mesmo
deixar poemas que não tenham peixe e incenso?’*
Seja quem for que há pouco fiz contrário a mim,
Sempre que escrevo, se algo acaso sai mais apto, 45

⁴ FÍLIS E HIPSIPILES: *Phyllidas, Hysipyilas*: filha do rei da Trácia, Fílis foi esposa do rei ateniense Demofonte. Quando perde as esperanças de que este retorne, enforca-se, nascendo uma amendoeira no local em que foi enterrada (Serv., *In Virg. Ecl.*, V, 10). Hipsípiles foi rainha de Lemnos durante a estada dos argonautas na ilha. Foi abandonada por Jasão grávida (Ap. Rh., *Arg.*, I, 609ss.). Ambas as personagens ganham voz nas *Heroides*, de Ovídio. Os nomes aqui são dados no plural não tanto para criticar um poema específico, mas todo um gênero lacrimoso em voga.

é ave rara (se há), se algo acaso sai mais apto,
louvor não temo, fibra de chifre não tenho.
Mas nego que o limite e o fim do que é correto
seja o teu ‘belo’ e ‘bravo’. Sacode o teu ‘belo’,
Dentro o que não está? Não a Iliada de Ácio 50
de heléboro⁵ encharcada? elegias ditadas
por indigesto prócer? e, enfim, o que em leitões
de cedro escrevem? sabem servir tetas quentes,
dar capas rotas ao amigo enregelado
dizendo “amo a verdade, de mim diz verdades!” 55
E dá? Queres ouvir? gracejas, calvo, quando
a grossa pança avança, caindo um metro e meio.
Ó Jano⁶, a quem cegonhas não bicam por trás
nem as ligeiras mãos imitam branca orelha,
nem língua igual de apúlia⁷ cadela com sede. 60
Vós, ó sangue patrício, que podeis viver
cegos da nuca, vede as caretas por trás!
Que diz o povo? *‘O que, senão que a poesia
em brando ritmo fui enfim, qual leve emenda
que o dedo sério toca? versos sabe dar 65
como se com um olho só riscasse a linha.
Se há-que atacar costumes, luxos, refeições
de reis, dá grandes coisas a Musa ao poeta.’*
Eis que, há pouco, sentido heroico viu-se expondo
um que faz nugas gregas, autor que não mostra 70
bosques nem louva campos férteis, onde há cestas,

⁵ HELÉBORO: *ueratro*: o heléboro, segundo indicação de Plínio, o Velho (*N. H.*, XXV, 21) era amplamente reconhecido na antiguidade como medicamento contra a loucura. Além disso, relatos como o que o Plínio faz na mesma passagem sobre a viagem de Lívio Druso para Antícira, ilha produtora da planta, para curar-se da ‘doença eleitoral’, faz supor que havia usos preventivos ou recreativos deste medicamento. Seria este o caso de Ácio Labeão, que teria se drogado para conseguir chegar a fazer versos ou, pelo contrário, que consumiu muito heléboro para tentar maquiagem a insanidade que, apesar de tudo, ainda seria viável no poema.

⁶ JANO: *Iane*: divindade itálica representada com duas faces voltadas para lados opostos, a quem se dedica o mês de janeiro. Sua característica física o protegia de ataques e gracejos pelas costas.

⁷ APÚLIA: *Apula*: isto é, nativa da Apúlia, região ao sul da Itália de clima particularmente cálido, motivo pelo qual os cães locais andariam com a língua para fora.

fogo, porcos, fumoso feno das Palílias⁸,
de onde Remo e tu, Quíncio⁹, que raspava o arado
quando ante os bois a esposa adorna um ditador
e um lictor guarda o arado: vivas ao poeta! 75
alguém há que no seco livro de Ácio Briseu¹⁰
demore, ou em Pacúvio¹¹ e a verrugosa Antíopa
que o peito aguenta com tribulações aflitas?
Quando vires pais cegos impondo aos meninos
isso, pergunta como a voz de frigideira 80
veio às línguas, bem como a infâmia pela qual
um frouxo cavaleiro se excita nos bancos.
Não envergonha o não poder salvar as cãs
dos danos sem querer ouvir um “bem falado”?
“És ladrão”, diz-se a Pédio. E Pédio? Pesa os crimes 85
em prato oposto, por compor imagens doutas
louvado: *‘isso é bonito’*. Ó, Rômulo, bajulas?
Ele me move? se um naufrágio canta, ofertado
um asse? Cantas quando a ti pintado em lenho
roto levas ao ombro¹²? Verdades que à noite 90
não criam cantará quem quer curvar-me em prantos.
‘Mas beleza e coesão juntou-se ao rude verso!
Verso aprendo a amarrar com “Átis berecintio”
e “delfim que o cerúleo Nereu dividia”
e assim: “a costa ao longo Apenino apartamos.””¹³ 95

⁸ PALÍLIAS: *Palilia*: festividade romana em homenagem ao deus Pales, celebrada em 21 de abril (Ov., *Fast.*, IV, 798)

⁹ QUÍNCIO: *Quinti*: L. Quíncio Cincinato (519-439 a.C.) cônsul romano e um dos modelos do *mos maiorum* republicano. Segundo Lívio (III, 26ss.), tendo Cincinato abandonado a vida pública e estando Roma para ser invadida, foi investido de poder ditatorial para salvar a cidade. O anúncio o encontrou no campo, arando as próprias terras.

¹⁰ BRISEU: *Brisaei*: Epíteto de Baco, atestado em Macróbio (*Sat.*, I, 18, 9). Quer este Ácio seja o tragediógrafo do século II a.C., quer seja Ácio Labeão, tradutor da *Iliáda*, será autor de obra dionisiaca.

¹¹ PACÚVIO: *Pacuiusque*: Marcos Pacúvio (c. 220 - c. 130 a.C.) autor de tragédias, bem como pintor recordado por Plínio, o Velho (XXXV, 19). Da peça *Antíopa* nada mais se sabe.

¹² CANTAS... OMBROS: *cnatas... portes*: conforme hábito testemunhado também em Horácio (*Ars*, 20) e Juvenal (XIV, 301-302), os sobreviventes de naufrágios mandavam pintar as cenas de sua desventura.

¹³ VERSO... APARTAMOS: *claudere... Appennino*: as passagens apresentadas eram decerto retiradas

“Arma e o varão” não é inflamado e casca grossa
igual ao velho galho seco de um sobreiro?
o que de tenro ler co’ a nuca amolecida?
“Encheu-se a trompa atroz de notas mimalônias”
e “levando a cabeça de um novilho incrível 100
Bassárida” ou “a Mênade a guiar o lince
evoé conclamou, e atende o eco notável!”¹⁴
Isso haveria, se uma veia do testículo
do pai vivesse em nós? Sem lombo, nada em muita
bucal saliva, e a Mênade e Átis se encharcaram; 105
na estante não pesou nem tem unhas roídas.
*‘Mas por que o tenro ouvido roer com mordazes
verdades? cuida que jamais o umbral dos grandes
te gele: do nariz ressoa aqui canina
letra.’* De pronto, tudo para mim é branco. 110
Não ligo. Bravo! Todos bem, sereis notáveis!
Gostou? *‘Proibo’* dizes *‘que façam cagadas.
Duas serpentes pinta. É sacra estância, jovens,
pra mijar saiam!’* Na urbe Lucílio persegue
Lupo e a ti, Múcio: neles quebrou as arcadas; 115
Flaco, sagaz, aponta todo o vício a amigo
que ri e, aceito, brinca em torno ao coração,
destro em prender o povo agitando o nariz:
E eu nem vou murmurar? fechado? em fosso? nunca?
Mas algo enterrarei. Eu mesmo vi, livrinho: 120
Orelhas de asno quem não tem?¹⁵ Este segredo,

de obras apreciadas na época cujo mérito era contestado por Pérsio. O verso 95, por exemplo, é um hexâmetro datílico com problemas de quantidade e de falta de sílabas nos dois últimos pés, comprometedores do ritmo. A escolha extravagante dos termos, bem como a sintaxe arrevesada, também podem justificar o desprezo do poeta.

¹⁴ ÁTIS... NOTÁVEL: *Berecynthia...* *echo*: apresenta-se uma sequência de versos viciosos, de obra desconhecida. Pelo que se infere de 104-106, eram poemas pouco trabalhados, ainda molhados da saliva do autor, não revisados. Seu assunto era elevado - trágico ou mitológico - já que trata de Átis e das bacantes (Bássaris; mênades; mimalônias).

¹⁵ ORELHAS... TEM: *aurículas...* *habet*: diz a *Vita* de Valério Probo, que Cornuto, mestre e editor de Pérsio, mudou este verso. Originalmente *Aurículas asini rex Mida habet*, ‘o rei Midas tem orelhas de asno’, seria uma crítica a Nero.

Este meu rir, tão nulo, por nenhuma Iliada
vendo. Quem sejas tu, que o audaz Cratino inflou,
pálido com Êupolis irado e o grande velho¹⁶,
olha, que algo talvez mais bem cozido escutas. 125

Que arda o leitor por mim, co' o ouvido fumegando,
não um que goste de zoar sandálias gregas,
sórdido, que ao zanolho diga que é zanolho,
nem se ache alguém porque, deitado em honra itálica,
foi edil que quebrou falsa hemina de Arécio¹⁷, 130

nem quem das contas do ábaco e em metas da areia
pode zombar, sagaz, disposto a rir demais
se a nonária atrevida raspa a barba ao cínico.
A estes, cedo eu dou o édito; a tarde, Calírroe.

Comentário

A obra de Pérsio circula ou é referida nos compêndios sob dois critérios principais que, ao nosso ver, condicionam uma leitura equivocada deste autor. O primeiro é a adesão do autor à filosofia de orientação estoica; o outro é a percepção de que seu estilo é difícil. Obscuro como filosofia e árduo como literatura, Pérsio torna-se autor menos frequentado que seus equivalentes.

Aparentemente, o primeiro a entronizar a filosofia como matéria da poesia de Pérsio foi Casaubon (PERSIUS, 1733), editor e comentarista de sua obra no início do século XVII. Seus *In Persium Prolegomena* aproximam o gênero satírico da filosofia. Sua proposição inicial é que as características principais do gênero satírico são a doutrina moral, a urbanidade e o sal e que o tratar de costumes o aproxima da filosofia ética (*Satiram romanam duo sita praeipue constituunt: doctrina moralis, urbanitas et salis. (...) Habet hoc Satira Romana cum ethico philosopho commune, quod de moribus tractat*). Segundo este critério, elege Pérsio o melhor dos poetas satíricos, dados seus conhecidos vínculos com o estoicismo do filósofo Cornuto, ao passo que Juvenal não expõe modelos filosóficos e Horácio tem poucas pretensões, se ocupando de assuntos bem conhecidos (*Horatius... nihil spirat heic altum, sed ubique circa uulgatissima morum praecepta occupatur*).

¹⁶ CRATINO... VELHO: *Cratino... sene*: a tríade de poetas da comédia antiga grega, Cratino, Êupolis e Aristófanes, modelos para a poesia satírica de Pérsio nos mesmos termos que para Horácio (*Serm.*, I, 4, vv. 1-5).

¹⁷ ARÉCIO: *Arreti*: cidade da Etrúria, atual Arezzo, famosa pela cerâmica, segundo Plínio, o Velho (XXXV, 160).

A crítica moderna ao estilo de Pérsio aparentemente começa em outro crítico anterior a Casaubon, isto é, em Júlio César Escalígero, autor de uma monumental *Poética*, publicada em 1561, muito representativa da recepção da literatura latina no Renascimento. Elegendo o amargor (*amarulentia*) como virtude a que aspiram os poetas satíricos, dá o título de príncipe das sátiras a Juvenal. Em seu juízo, Pérsio negligencia o resto para mostrar erudição febril (*Persius ostentator febriculosae eruditionis cetera neglexit*). Seu estilo é tratado nestes termos:

Persii uero stilus morosus et ille ineptus, qui quum legi uellet quae scripsisset inteligi noluit quae legerentur, quanquam nunc a nobis omnia intelliguntur. At fuit tempus cum inter ignota haberetur. Illum igitur mittamus. (SCALIGER, 1607, p. 773)

O estilo de Pérsio é moroso e ele mesmo é inepto. Embora quisesse que fossem lidas as coisas que escreveu, não queria que fossem entendidas as coisas lidas. Agora, contudo, todas as coisas são por nós compreendidas. Mas houve um tempo quando eram contadas entre as coisas desconhecidas. Deixemo-lo portanto de lado.¹⁸

Casaubon parece ignorar ou desprezar a teorização poética antiga, em particular a de tradição platônica ou aristotélica, que atribui a **toda** e qualquer espécie de poesia viés ético, uma vez que o objeto imitado é sempre o homem em ação, e este é entendido do ponto de vista do vício ou da virtude (Arist., *Poet.*, 1448a). Nestes termos, certo estofó filosófico não é lugar específico da sátira, frequentando os demais gêneros, como se pode ver, por exemplo, no *epos* didático de Lucrécio, em elegias de Tibulo, em epigramas de Marcial, apenas para citar autores latinos de diversos gêneros, elevados e baixos, que não podem ser confundidos com as sátiras, constituindo antes lugar comum das letras praticadas de indivíduos que tinham acesso à discussão filosófica de forma mais ou menos independente das suas práticas literárias. Isto é, não é porque um poeta tem vínculos estreitos com um dado pensamento filosófico, como é o caso de Pérsio, que precisa se dedicar à sátira, ou que a pouca familiaridade com a filosofia moral, como Casaubon a nomeia, impeça um poeta de se dedicar a este gênero.

Cremos, além disso, que o juízo com o qual ele antepõe Pérsio aos demais satíricos é equivocado: se, com efeito, é mais difícil localizar em Juvenal a adesão a alguma corrente filosófica em circulação em Roma, o juízo sobre as pretensões filosóficas de Horácio parece ser equivocado. Se se observam os *Sermones* e as *Epistulae*, pode-se facilmente observar o quanto o venusino é, sim, pretensioso em relação à filosofia de que trata: assim, o segundo livro de *Sermones* desabilita diversos modelos filosóficos em cada poema (não só o epicurismo hedonista e o

¹⁸ Salvo indicação contrária, as traduções apresentadas neste comentário são de nossa autoria.

estoicismo em II, 3 e II, 4, respectivamente, mas também determinados aspectos do *mos maiorum*, em II, 2). É representativa desta pretensão a epístola I, 4, endereçada a Tibulo, na qual este poeta é descrito como indivíduo de elevadas preocupações (v. 5: “*curantem quicquid dignum sapiente bonoque est*”, cuidando de qualquer coisa que seja digna do homem sábio e bom), não como o poeta que conhecemos, e é contraposto ao riso gordo e lustroso de Horácio, porco da grei de Epicuro (v. 16: “*Epicuri de grege porcum*”). Distinguem-se Pérsio e Horácio pelo fato de que aquele filia-se ao estoicismo e seu amargor, ao passo que este frequenta primordialmente o mais leve epicurismo.

Horácio talvez anteceda Pérsio pela postura menos sectária, expressa nas *Epístolas*, I, 1, 19-20 (“*nunc in Aristippi furtim praecepta relabor / et mihi res, non me rebus subiungere conor*”), que esclarece seu programa: em lugar de se submeter a ideias, submetê-las-á a si, colhendo dos preceitos filosóficos aquilo que lhe parecer mais conveniente. Horácio, portanto, se parece com aquele que provavelmente era, a seu tempo, o principal autor com empreendimento filosófico sério em latim, Cícero. Em sua obra filosófica, o orador reitera o método investigativo de contrapor escolas e sujeitar os preceitos ao seu juízo. Por exemplo, em *De finibus bonorum et malorum*, I, 6:

Quid si nos non interpretum fungimur munere, sed tuemur ea, quae dicta sunt ab iis quos probamus, eisque nostrum iudicium et nostrum scribendi ordinem adiungimus?

E se nós não assumimos o encargo de tradutores, mas examinamos as coisas que foram ditas por aqueles que nós aprovamos e a estas acrescentamos o nosso juízo e nosso arranjo da escrita?

O juízo de Escalígero merece menos crédito, dado que parece pouco razoável (e diríamos até anacrônico) supor que Pérsio, ou qualquer autor da antiguidade clássica, ao escrever, não quisesse ser entendido. Ao fazer uma crítica das intenções de Pérsio nesses termos, acrescida da descrição de seu estilo como moroso, não declara aquilo que seria justo que ele declarasse, isto é, que além da *amarulentia*, espera de um poeta satírico virtudes (clareza, coesão e linearidade, inferimos) que não identifica no poeta - e por isso o qualifica como *ineptus*. O que de nenhuma maneira justifica que o autor seja deixado de lado, pelo contrário, deveria instigar a que se entenda porque o poeta decide não se alinhar a certa noção de *aptum* em circulação. Não custa lembrar que *aptus*, bem como seu negativo *ineptus*, são termos técnicos de poesia e que tal noção é partilhada por Pérsio, que a menciona neste poema nos versos 45-46.

Parece-nos, em oposição ao que os critérios de leitura apenas discutidos fazem supor, que esta primeira sátira é brilhante: seu estilo não é moroso, mas dinâmico, e o poeta é extremamente decoroso do ponto de vista das teorias poéticas. Seu

confronto com poemas de Horácio e Juvenal mostra que, ainda que se distancie dos demais poetas satíricos pelo estoicismo de seu autor, neste poema Pérsio se filia mais à tradição da sátira romana que à redação de doutrinas filosóficas.

Convencional, por exemplo, é a escolha do tema. A sátira de Pérsio sustenta seu direito de existir na refutação à obra de outros autores, em diálogo do poeta com um interlocutor que representa o gosto da época, para o qual a musa satírica soaria desagradável. Este modo de agir está de acordo com a tradição da sátira romana: o recurso ao diálogo e o interlocutor que responde pelo senso comum estão também em Horácio, *Serm.*, II, 1. Neste poema, recusa a sugestão do amigo Trebácio de compor poesia épica e cantar os feitos de César (vv. 10-13). A postura ao mesmo tempo convicta e conformada transparece na pergunta retórica do verso 24: *quid faciam?*, “que farei?”, que, importa notar, é repetida por Pérsio (v. 12) com o mesmo tom de autorreconhecimento.

Uma vez que se autorreconhece como autor de sátiras, é impossível tolerar outro tipo de poesia. Assim, Pérsio começa desprezando a épica na figura da *Ilíada* de Labeão (v. 4-5) e, adentrando um banquete em que se observam os viciosos declamadores da moda, desabilita o cantor (vv. 15-23) bem vestido e usando jóias, de olhos lascivos e voz trêmula, indigno da própria velhice; um fanhoso repetidor (vv. 32-35) de material ovidiano; o autor de nugas gregas (v. 70); poetas (vv. 92-102) de elocução preciosa e termos obscuros, que causavam impressão na audiência; o poeta (vv. 103-106) que não se demorou a trabalhar convenientemente seu texto.

O procedimento de Pérsio é amplamente emulado por Juvenal. Como aquele, este se indigna e é impelido a falar; seu primeiro alvo são, precisamente, poetas e sua declamação (I, vv. 1-6):

*Semper ego auditor tantum? numquamne reponam
uexatus totiens rauci Theseide Cordi?
inpune ergo mihi recitauerit ille togatas,
hic elegos? inpune diem consumpserit ingens
Telephus aut summi plena iam margine libri 5
scriptus et in tergo necdum finitus Orestes?*

Sempre um ouvinte apenas? nunca enfrentarei,
tão vexado por Cordo, rouco co’ a Teseida?
Impune então recita-me aquele togadas,
este a elegia? impune gasta um dia o enorme
Telefo ou grande livro cheio até nas margens
e no verso, mas nunca pronto, o Orestes?

Nota-se que o enfado dos dois autores mistura dois aspectos da prática poética antiga, isto é, ambos vituperam as composições, apontando-lhes os defeitos da composição, o inoportuno do gênero, o desagradável da matéria, a extensão imprópria, mas ambos estão atentos também à *actio*, ou seja, não só vão criticar o poema mas a performance de quem os apresenta. Ambos se esbarram com péssimos declamadores, roucos em Juvenal, fanhosos em Pérsio (vv. 33-35).

A questão da *actio* é relevante, pois em ambos os poemas os indivíduos vituperados são observados do ponto de vista da *ciuitas*, isto é, seus vícios são relacionados a Roma. O juízo da cidade é devidamente desprezado por Pérsio já no início do poema (vv. 5-7); em Juvenal, a cidade é iníqua (vv. 30-31) e troca virtudes por ouro (vv. 109-111):

*(...) expectent ergo tribuni,
uincant diuitiae, sacro ne cedat honori
nuper in hanc urbem pedibus qui uenerat albis,*

(...) os tribunos portanto observem,
vence a riqueza e em honras sagradas não perde
quem há pouco chegou de pé descalço na urbe.

A sátira só pode funcionar quando se reconhece que o mundo do poeta satírico anda ao revés, o que ocorre em ambos os poemas. Mais, ambos os poetas circunscrevem este mundo no espaço da *urbs*. Este interesse restrito, aliás, testemunha a prevalência do discurso poético em relação ao filosófico: este falar diante de Roma não permite que se veja no poeta como o cosmopolita que o estoico deve ser.

A *actio*, em Juvenal, aparece de forma obliterada também no que é a primeira sustentação de sua *auctoritas* como poeta satírico. Diz ele nos versos 15-17:

*et nos ergo manum ferulae subduximus, et nos
consilium dedimus Sullae, priuatus ut altum
dormiret.*

eu também já livre a mão da fêrula, eu
já dei conselho a Sila, até tarde e em privado
durma.

O argumento de Juvenal é forte, embora o leitor moderno dependa de mediação para compreendê-lo. O poeta já não é mais criança, já passou da fase em que estava

sujeito à palmatória do mestre, e, principalmente, já passou da idade em que, frequentando as aulas de retórica, praticava o discurso em causas hipotéticas, como aquela em que dá conselhos a Sila, ditador romano do fim da república. Assim, não apenas já esgotou sua paciência com assuntos ruins, veiculados na *actio* dos colegas, mas também já é adulto, indisposto a tolerar os assuntos épicos e trágicos, distantes da realidade, e conhecedor da vida a ponto de assumir a *persona* satírica. Esta passagem é importante porque se apoia na passagem em que Pérsio sustenta a própria autoridade, nos vv. 8-11:

*nam Romae quis non—ali, si fas dicere—sed fas
tunc cum ad canitiem et nostrum istud uiuere triste
asperi ac nucibus facimus quaecumque relictis,
cum sapimus patruos; tunc tunc ignoscite*

pois quem em Roma - ah, se dizer pudesse! - Eu posso
sempre que minhas cãs e o meu triste viver
observo e as coisas que ao largar as nozes fiz,
igual a um tio. Portanto, relevem!

A idade é critério de constituição da *persona* satírica, não só o não ser criança (ter largado as nozes aqui indica ter abandonado os jogos infantis, cf. Mart., XIV, 19), mas ser adulto, isto é, observar os próprios cabelos brancos e as atitudes de tio. Note-se que os 28 anos de vida que Pérsio viveu não combinam com a *canitiem* que o poeta observa em si mesmo, o que nos aponta para a **verossimilhança** do discurso, isto é, ao apresentar-se como velho o poeta constrói a autoridade com a qual se atribui o direito de vituperar.

Do ponto de vista do gênero ainda interessa observar outro aspecto da poesia de Pérsio. A leitura de seus poemas revela passagens com grandes cortes de cena, difíceis de acompanhar pela recepção em uma leitura desprentensiosa. Esta dificuldade, aqui, acaba se estendendo também à dificuldade de chegar a um acordo sobre quais períodos representam as interposições do interlocutor¹⁹. Em seu momento mais extremo, Pérsio faz dois cortes em um mesmo verso, o oitavo, em que vai defender o motivo de desconsiderar a opinião dos romanos, mas que decide censurar, para logo em seguida sustentar seu direito a formar um juízo sobre Roma - que de mais a mais não vem expresso na sequência, dado que acaba conduzindo o assunto em outra direção (“pois quem em Roma - ah, se dizer

¹⁹ Perreau, editor e comentarista de Pérsio no século XIX, é do parecer de que o poeta teria deliberadamente truncado as falas da *persona* poética e de seus interlocutores para que não se pudesse imputar a ninguém em particular a autoria das invectivas. (PERSIUS, 1830, p. 26)

pudesse! - Eu posso” / “*nam Romae quis non–ali, si fas dicere–sed fas*”). Estes cortes são, ao nosso ver, um dos recursos utilizados pelo poeta de Volterra para dar forma à característica principal da sátira romana, a saturação que nomeia o gênero. Neste, de fato, concorre uma sucessão de imagens e personagens que se misturam no desenvolvimento do assunto, até que o texto fique deles saturados.

São significativos os termos que Estácio usa para falar do gênero (*Silv.*, I, 3, 103): *liuentem satiram nigra rubigine turbes* (“quer turves a lívida sátira com negra ferrugem”). Aqui, a sátira é um líquido branco ao qual a ferrugem escurecida é misturada, isto é, um gênero em que a fala corrosiva (ferrugem) coexiste com a lividez da observação do que é torpe. *Satura*, antes de denominar o gênero, denomina uma mistura, como um prato em que há mulso, uva passa, *pinoli* e cevada, do qual Varrão teria, nas *Quaestiones Plautinae*, oferecido receita (Diom. *Gramm.*, I, p. 485, 34K) ou ainda a provisão que vota várias leis ao mesmo tempo.

Que a sátira seja gênero em que a mistura chega aos limites da saturação, parece-me que seja conceito acolhido por Pérsio, não só pela abundância de exemplos viciosos que aponta no poema, em que praticamente todos os gêneros poéticos recebem sua crítica, mas pela própria descrição que faz da poesia satírica de Horácio (v. 116-7): este poeta ‘aponta todo o vício’ (“*omne... uitium... tangit*”). Em outros termos, Horácio trata de qualquer vício que se proponha a tratar em sua inteireza, não cessando a sátira antes de ter tratado tudo - de ter saturado o assunto.

Tendo estas questões em vista, o corte brusco é uma estratégia a realçar os ingredientes do poema que parece uma massa indistinta: nos versos 15 a 22, por exemplo, Pérsio constrói a figura de um declamador lastimável, bem vestido e usando joias (personagem cuja sombra se vê no Crispino de Juvenal, I, 26-29, mas também do próprio Nero), construção cortada por um retorno ao debate com o interlocutor da sátira sobre o pouco prestígio da opinião romana (vv. 24-30, recuperando o assunto dos vv. 5-11) seguida por outro corte, que volta ao banquete e aos espectadores (vv. 30-31):

ecce inter pocula quaerunt

Romulidae satiri, quid dia poemata narrent

Eis que, entre os copos, romúlidas fartos

perguntam o que narra o poema divino.

Os que estão saturados (de copos e de poemas) são os descendentes de Rômulo, que sequer perceberam o assunto do poema que aplaudiram. O poeta prova seu ponto, isto é, que a opinião dos romanos é de pouco valor; no entanto, saímos da audiência do mau poeta para o debate entre *persona* e interlocutor e voltamos à audiência de modo súbito, sem transições, de modo que o leitor pode ficar confuso

e ser constrangido, justamente, a estar atento ao texto, identificando onde começa o mulso e onde acabam as passas. O identificar que há muitas invectivas misturadas pode tornar a sátira efetiva ao leitor e a estratégia de Pérsio, embora dificultosa, tem muito engenho.

Conclusão

Temos tentado demonstrar quanto a sátira de Pérsio não é texto que prefere expor erudição e filosofia em lugar de virtudes literárias (para reportar a crítica que circula ao menos desde Escalígero), mas um objeto perfeitamente decoroso em seu gênero, plenamente equiparável aos seus antecessores – os *Sermones* e *Epistulae* de Horácio – e ao seu sucessor mais imediato, Juvenal. Coincidem estes autores em dedicar o espaço prefacial de seus livros a uma invectiva contra os poetas e a circulação dos demais gêneros de poesia. Nesse sentido, Pérsio desenvolve da mesma maneira que os demais poetas do gênero o tópico da *recusatio*: lastimando os poetas e os poemas viciosos do momento, percebendo que a *ciuitas* merece reprovação e assumindo, entre indignação e conformidade, o fardo da poesia satírica. Importa salientar que a condição de Pérsio é, do ponto de vista da investigação crítica, privilegiada, na medida em que provê elementos de comparação anteriores (os poemas de Horácio) e posteriores (os de Juvenal) com os quais se pode indicar tanto sua adesão ao um discurso que já está em circulação como a aprovação dos leitores para o que acrescenta ao gênero. Tanto sua primeira sátira demonstra a leitura de Lucílio (de quem é o verso 1, de acordo com o escoliasta) e de Horácio (como os versos 123-124, em que aproxima a sátira dos poetas cômicos antigos) como a disposição dos temas em Juvenal demonstra o reconhecimento do texto do poeta de Volterra. Finalmente, ainda que a orientação filosófica de Pérsio compareça amiúde para dar sustentação aos seus versos, a decisão do autor de fazer poemas satíricos e não tratados filosóficos aponta para quais chaves de leitura devem ser acolhidas primeiro na leitura dos poemas.

CAIROLI, F. P. A new look at Persius: satire 1, translated and commented. *Itinerários*, Araraquara, n. 45, p. 255-274, jul./dez. 2017.

■ **ABSTRACT:** *This paper has two objectives: first, to present a new proposal of poetic translation to the first satire of Persius, Latin poet from the first century A.D., with brief comments on the translation procedures. Then, the subject of the poem is interpreted, in contrast to some traditional views of the author's work, such as Scaliger's and Casaubon's, as well as to the works of Horace and Juvenal.*

■ **KEYWORDS:** *Classical poetics. Persius. Poetic translation.*

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica (Livros I e II); Ética a Nicômaco; Poética**. Trad. Vincenzo Cocco; Lionel Vallandro e Gerd Bronheim; Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1984.

CASTRO, M. B., **O programa satírico de Pérsio frente à tradição**. 2015. 144p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. 2015.

ESTÁCIO. **Statius: Silvae, Tebaid 1-4**. With an English translation by J. H. Mozley. Londres: Heinemann; Nova Iorque: Putnam, 1928.

HORÁCIO. **Q. Horatius Flaccus. Opera**. Edidit D. R. Shackleton Bayley. Berlim: De Gruyter, 2008.

JUVENAL; PÉRSIO. **Juvenal and Persius**, with an English translation by G. G. Ramsay. Londres: Heinemann; Nova Iorque: Putnam, 1928.

MARCIAL. **M. Val. Martialis Epigrammata**. Recognovit breuique adnotatione instruxit W. M. Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1987.

OLIVA NETO, J. A. 11 poemas de Propércio traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 15, p. 151-184, 2015.

PÉRSIO. **Auli Persii Flacci Satirarum liber**. Cum eius uita, uetere scholiaste et Isaaci Casauboni notis, qui eum recensuit et commentari illustrauit, una cum eiusdem persina horatii imitatione. Lipsiae: Sumtibus Augusti Lehnholdi, 1733.

_____. **A. Persius Flaccus, cum interpretatione latina, lectionum varietate adnotationibusque novis; item Lucilii fragmenta, Satira Sulpiciae, cum notis, excursibus, et indicibus, curante A. Perreau. Quod est satiricorum latinorum cum Juvenale volumen tertium et ultimum**. Parisiis: Lemaire, 1830.

SCALIGER, J. C. **Poetices**. [s/c]: in Bibliopolio Commeliniano, 1607.

TUFFANI, E. **Repertório Brasileiro de Língua e Literatura Latina**. Cotia: Ibis, 2006.

